

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE - FPS

**O GÊNERO QUE NOS CONTÉM: O OLHAR  
DA PSICOTERAPIA ANALÍTICA SOBRE A IDENTIDADE DE  
GÊNERO**

THE GENDER THAT CONTAINS US: ANALYTICAL  
PSYCHOTHERAPY VIEWS ON GENDER IDENTITY

**Aluna:**

Aline Lins Pedrosa de Castro

**Aluno Colaborador:**

Sérgio Henrique Sanguinetti Gouveia

**Orientadora:**

Ms. Camila Martins Vieira

**RECIFE, NOVEMBRO DE 2018**

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE - FPS

**O GÊNERO QUE NOS CONTÉM: O OLHAR  
DA PSICOTERAPIA ANALÍTICA SOBRE A IDENTIDADE DE  
GÊNERO**

THE GENDER THAT CONTAINS US: ANALYTICAL  
PSYCHOTHERAPY VIEWS ON GENDER IDENTITY

**Aluna:**

Aline Lins Pedrosa de Castro

Estudante do 8º período do Curso de Psicologia – FPS.

E-mail: alinelins96@hotmail.com      Tel: (81) 99915-8982

**Aluno Colaborador:**

Sérgio Henrique Sanguinetti Gouveia

Estudante do 8º período do Curso de Psicologia – FPS.

E-mail: sergio.sanguinetti@hotmail.com      Tel: (81) 98814-5090

**Orientadora:**

Ms. Camila Martins Vieira

Psicóloga clínica e Arteterapeuta (POMAR-SP); especialista em Teoria e Prática Junguiana (UVA-RJ); mestre em Saúde Materno Infantil (IMIP); doutoranda em Saúde Integral (IMIP); docente do curso de psicologia (FPS).

E-mail: camila.vieira@fps.edu.br      Tel: (81) 99998-2006

**RECIFE, NOVEMBRO DE 2018**

## RESUMO

No mundo ocidental, as fronteiras de gênero são mais rígidas do que as da sexualidade. Através de seu arcabouço teórico, a Psicologia Analítica pode contribuir para as discussões contemporâneas sobre gênero. Objetiva-se nesta pesquisa analisar a compreensão de cinco psicólogos (as), que tem sua abordagem na Psicologia Analítica, frente a temática de gênero em sua prática clínica. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de acordo com a proposta metodológica do processamento simbólico-arquetípico. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semiestruturada e o material foi organizado em categorias mapeadas por eixos temáticos. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 95195918.6.0000.5569). Os resultados foram divididos em três eixos temáticos: gênero, símbolos e clínica analítica. A partir dos quais pode-se perceber a articulação entre teorias distintas (Psicologia Analítica e Teoria *Queer*) para explicar gênero. Foi feita também a divisão dos símbolos em dois grupos (*anima* e *animus*) e a criatividade como possível solução para as cristalizações de gênero. Observou-se a importância de articular diversas teorias para uma compreensão mais completa da temática.

**Palavras-chave:** teoria junguiana; gênero; psicoterapia.

## ABSTRACT

In the Western world, gender boundaries are stricter than those of sexuality. Through its theoretical framework, Analytical Psychology can contribute to contemporary discussions about gender. The objective of this research is to analyze the understanding of five psychologists, who have their approach in Analytical Psychology, regarding the gender subject in their clinical practice. A qualitative research was carried out, according to the methodological proposal of the symbolic-archetypal processing. As a data collection instrument, a semi-structured interview was used and the material was organized into categories mapped by thematic axes. This research was approved by the Research Ethics Committee (CAAE: 95195918.6.0000.5569). The results were divided into three thematic axes: gender, symbols and analytical clinic. From which one can perceive the articulation between distinct theories (Analytical Psychology and Queer Theory) to explain gender. The division of symbols into two groups (anima and animus) and creativity as a possible solution for gender crystallization were also made. It was observed the importance of articulating several theories for a more complete understanding of the subject.

**Keywords:** Jungian theory; gender; psychotherapy.

## INTRODUÇÃO

O processo de aquisição e construção do conhecimento – e autoconhecimento – através da ampliação da consciência pode ser chamado de processo de individuação para Psicologia Analítica. Este processo tem seu foco na possibilidade e nos limites de acesso ao inconsciente. A possibilidade de acessar o inconsciente, e por sua vez conhece-lo, é pautada na proposição de que este se expressa na consciência através de manifestações simbólicas-arquetípicas (PENNA, 2004).

A consciência é produto de uma psique inconsciente primitiva e pode ser definida como a função responsável por manter a relação dos conteúdos psíquicos com o eu (centro da consciência). O inconsciente é definido, segundo a teoria junguiana, como a soma descentralizada de processos psíquicos que abarca dois âmbitos: pessoal e coletivo. Ele se manifesta através de sintomas, complexos, arquétipos e símbolos. Possui uma tendência à autonomia e apresenta-se de forma fragmentada, como complexos cindidos de um todo maior (JACOBI, 2013; JUNG, 2014).

O inconsciente pessoal contém o complexo afetivo, definido como uma imagem que diz respeito aos grupos de conteúdos psíquicos separados da consciência, relacionada a uma determinada situação psíquica possuidora de forte carga emocional que funciona de forma arbitrária e autônoma, conduzindo o sujeito para o inconsciente, freando ou fomentando os desempenhos da consciência (JACOBI, 2013).

O inconsciente coletivo é composto por arquétipos que possuem grande importância para a vida psíquica por ser a fonte originária de todo o conjunto de experiências humanas. Os arquétipos são apurados segundo a sua forma; caracterizando-se como imagens da experiência humana que se fixam no inconsciente e vão se acumulando. Na medida em que a figura é elevada para a consciência, ilumina-se gradualmente até tornar-se acessível. O conteúdo arquetípico está contido em mitos, contos ou figuras de forma simbólico-imagética, representando os processos psíquicos (JACOBI, 2013).

O símbolo, por sua vez, pode ser um termo, nome, ou imagem que implica em algo para além do seu significado manifesto e imediato. O símbolo é de ordem inconsciente e não pode ser definido ou explicado, o que é possível é lhe atribuir palavras ou imagens. A humanidade produz símbolos para definir conceitos que estão fora da compreensão consciente (JUNG, 1964).

Além dos conceitos teóricos já expostos, Jung também propõe um método para psicoterapia, no qual ele delimita a função do (a) terapeuta como sendo de intervenção ativa, de mostrar a direção ao analisando (a), de confrontar e fomentar um certo embate pessoal. O seu procedimento é dialético por ser um diálogo entre duas pessoas e por ser um processo que conduz os conteúdos da consciência até o inconsciente, de forma a provocar um confronto entre essas duas instâncias psíquicas e produzir uma síntese (JACOBI, 2013).

O (a) terapeuta não deve manter uma distância teórica do objeto a ser analisado, pois ele (a) está dentro da análise tanto quanto o (a) analisando (a). O tratamento, nessa perspectiva, é um influenciar mútuo de inconscientes que ao surgir uma ligação, ambos (as) serão modificados (as). A pessoa do (a) terapeuta deve ser levada em consideração nesse processo, pois desempenha um papel ativo, uma vez que é um elemento vivo que influencia num acontecimento também vivo (JACOBI, 2013).

Dentre os diversos assuntos que podem ser trazidos no contexto da psicoterapia, têm-se as questões relacionadas ao gênero; já que ele sempre foi, em diferentes culturas e épocas, um critério de identificação e distinção cultural importante (MCKENZIE, 2010).

Com frequência as pessoas associam identidade de gênero ao sexo biológico, mas identidade de gênero é, de acordo com Judith Butler, uma construção social que pretende dizer como homens e mulheres devem se comportar socialmente. O sexo biológico, por sua vez, também é uma construção social, pois são atribuídos elementos do masculino a um determinado órgão sexual e do feminino ao outro órgão tido como oposto. Porém, o sexo biológico não define, necessariamente, o gênero com o qual a pessoa se identificará. Sendo assim, compreende-se gênero como o significado cultural assumido pelo corpo. Por performatividade, essa importante autora da Teoria *Queer*, entende que sejam as formas de expressão do gênero, ampliando, desta forma, as performances condicionadas ao padrão social atualmente exposto que é pautado em uma matriz binária heterossexual (MCKENZIE, 2010; AZERÊDO, 2010; ARÁN et al., 2008).

Historicamente, a Psicologia Analítica não produziu muito sobre gênero e sexualidade, porém, é necessário reconsiderar a compreensão dos termos *anima* e *animus* no pensamento de gênero para essa teoria (MCKENZIE, 2010). Estes termos são os representantes da imagem da alma que, no caso das mulheres, é chamada de *animus* e, no caso dos homens, de *anima* e são responsáveis pela participação da psique sexual-complementar em cada sujeito (JACOBI, 2013).

Esses conceitos são pautados em uma ordem sequencial-linear de identidades fixas e arquétipos hereditários diferenciais, baseados na anatomia sexual, já que, segundo Jung, é a construção suportável para os seres humanos, pois estes apresentam dificuldade em experimentar combinações inconstantes de conteúdos arquetípicos. Porém, essa ordem pode se mostrar contraditória à universalidade do inconsciente coletivo. A teoria arquetípica de James Hillman, pós-junguiano, desvalorizou a ênfase sequencial-linear na medida em que se concentrou na multiplicidade e simultaneidade dos aspectos arquetípicos, fomentando uma troca multidimensional dos traços de gênero na psique (MCKENZIE, 2006).

No presente estudo, a experiência e expressão de gênero serão colocadas no centro da formação da identidade sendo a identidade entendida como constituinte do processo de individuação e o gênero compreendido como a expressão simbólica dos estados corporais em mudança. É preciso diferenciar as experiências individuais com o gênero e a sexualidade da necessidade cultural de encontrar expressão simbólica e contenção desses aspectos do ser humano. Assim como não se contém a mente, ela é que contém o (a) humano (a); o (a) humano (a) não contém o gênero, o gênero é que contém o (a) humano (a) (MCKENZIE, 2010).

Os sentimentos de gênero experimentados nos corpos estão no campo da imaginação incorporada (*embodied imagination*). Este conceito refere-se à experiência entre o físico e o imaginário ativada pelas ações psíquicas relacionadas ao corpo que se movimenta em um processo emergente e não aderente ao fundamentalismo biológico. A teoria pós-junguiana proposta por Susan McKenzie (2006) busca a integração consciente e a redescoberta do potencial de masculinidade e feminilidade dentro de cada sujeito (MCKENZIE, 2010; MCKENZIE, 2006).

Deste modo buscou-se, na presente pesquisa, analisar a compreensão dos (as) psicólogos (as) de abordagem analítica frente a temática de gênero em sua prática clínica, caracterizar o perfil dos (as) psicólogos entrevistados, identificando os símbolos relacionados aos gêneros na prática clínica e categorizar os símbolos identificados em unidades de significados, mapeando-os por eixos temáticos.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa de campo baseada no processamento simbólico-arquetípico proposto por Eloisa Penna. Este método é embasado no paradigma junguiano implicado numa epistemologia e ontologia, caracterizado por uma abordagem interpretativa e compreensiva dos fenômenos analisados a partir do contexto em que estão inseridos (PENNA, 2009).

O enfoque qualitativo planeja compreender e interpretar os fenômenos, buscando seus significados e finalidades, no sujeito subjetivo e no sujeito inserido na cultura. Considera-se também o pesquisador como parte da pesquisa, levando em consideração suas crenças, sentimentos e visão de mundo como fatores que podem interferir na interpretação dos fenômenos. Dessa forma, está presente a intersubjetividade enquanto a relação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa (PENNA, 2009). Sendo assim a intersubjetividade é vista como a melhor posição para o pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação, formando um método que investigue considerando a possibilidade de contaminação por parte do pesquisador. Visto que a psicologia, enquanto ciência, tem a subjetividade como ponto de convergência entre o instrumento de pesquisa e objeto estudado.

Em cumprimento com as etapas do método, foram delimitados objetivos de pesquisa formulados para a exploração das origens, causas e finalidade do fenômeno. Delimitados os objetivos iniciou-se a coleta do material através de entrevistas semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas, na tentativa de apreender o material a nível consciente e inconsciente do participante. A entrevista semiestruturada permite respostas mais abrangentes do sujeito entrevistado, maior aprofundamento de determinados assuntos, investigação de aspectos valorativos e afetivos, além de favorecer o surgimento de questões inesperadas que podem ser relevantes para a pesquisa. Estes aspectos estão intimamente relacionados a proposta deste estudo (BONI e QUARESMA, 2005).

As entrevistas foram feitas com profissionais que atuam em um serviço particular de saúde mental, no modelo de hospital-dia, em Recife-PE. Foram entrevistados cinco profissionais que aceitaram participar da pesquisa de forma voluntária, atuam clinicamente e têm a Psicologia Analítica como abordagem psicológica. Os dados foram coletados individualmente, garantindo o sigilo das informações cedidas pelos (as) participantes que escolheram um nome fictício para serem identificados (as) na pesquisa, informaram sua idade, sua condição de gênero, responderam perguntas sobre suas formações acadêmicas e sobre suas experiências profissionais. Além disso,



foram questionados (as) sobre como compreendem a temática da diversidade de gênero, como identificam a temática na prática clínica e sobre quais são os símbolos que surgem na clínica e que podem ser relacionados com a temática desta pesquisa.

A fase da coleta de dados através das entrevistas representa a segunda etapa do processamento simbólico arquetípico. Este estágio demandou do pesquisador uma atitude consciente, atentando-se para os seus aspectos sombrios e levando-os em consideração, pois eles estão presentes no inconsciente do pesquisador e do pesquisado, devido ao vínculo transferencial (PENNA, 2009). Essa atitude consciente representa a fase de apreensão do fenômeno, já que, segundo Jung, a psique inconsciente não pode ser acessada de forma direta, há necessidade de uma delimitação e diferenciação entre apreensão e compreensão do símbolo (JUNG, 2012). Primeiramente, o símbolo é apreendido pela consciência através das funções pensamento, sentimento, sensação e intuição. É importante considerar as circunstâncias em que o símbolo é apreendido, pois elas influenciarão na posterior compreensão (análise/amplificação simbólica) do mesmo. Com isso, é preciso uma reconstituição do momento da coleta para que se identifique os vieses da apreensão. Este método é um meio de investigação eficiente dos dinamismos arquetípicos.

Após a coleta dos dados, o pesquisador e a pesquisadora se afastaram do campo e iniciaram a terceira etapa: análise dos dados. Todo o material coletado foi transcrito e revisado, o contexto da coleta foi revisitado para que se pudesse perceber as circunstâncias em que os símbolos aparecem, tanto cultural quanto individualmente. Re-leituras analíticas colaboraram para que o material coletado fosse organizado em eixos temáticos situando e destacando os elementos mais significativos.

Seguindo a organização do material foram eleitos os parâmetros sugeridos por Penna para a interpretação/amplificação simbólica do mesmo, sendo eles a causalidade, finalidade, possível sincronicidade, padrões arquetípicos de maior destaque e função compensatória do símbolo (PENNA, 2009). Entende-se como sincronicidade coincidências significativas de eventos subjetivos e objetivos sem explicação causal (JUNG, 2000). Para Jung, a manifestação arquetípica do símbolo não pode ser descrita de maneira direta, ela deve ser circunscrita se aproximando de um núcleo de significado inconsciente. Assim, nunca o símbolo haverá de ser

desvendado por completo, mas sim interpretado em camadas, como revelação de um sentido que antes era oculto (JUNG, 2014).

Há necessidade de uma atitude simbólica por parte do pesquisador para que o material seja interpretado, isso implica considerar uma eventual sincronicidade e sintetizar polaridades. Nessa etapa deve ser feita a associação do material bibliográfico com o material simbólico coletado, permitindo ampliação e aprofundamento no tema. Os símbolos devem ser amplificados em níveis de interpretação, como uma rede de associações em torno de um tema nuclear em busca de sentido e significado.

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) (CAAE: 95195918.6.0000.5569). Depois de sua aprovação iniciou-se a coleta de dados com os (as) participantes voluntários (as) que correspondem aos critérios de inclusão, apresentando-lhes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi redigido de acordo com as diretrizes e normas da Resolução n. 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (CONSELHO, 2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos (as) cinco psicólogos (as) clínicos (as) de orientação analítica que atuam em saúde mental, três estão fazendo ou têm formação em arteterapia, conhecimento que aparece muitas vezes no discurso e na prática delas, assim como especialização na abordagem analítica. A faixa de idade variou entre 26 a 47 anos e a maior parte dos (as) entrevistados (as) iniciou os atendimentos clínicos em seus respectivos consultórios há pouco tempo. Antes de iniciar a entrevista, foi solicitado a cada entrevistado (a) que escolhesse um nome fictício para a sua identificação neste artigo.

Os (as) entrevistados (as) escolheram os seguintes nomes fictícios para identificação na pesquisa: Rebeca, Renato, Frida Kahlo, Luíza e Jorge.

A primeira entrevistada, Rebeca, tem 29 anos, identifica sua condição de gênero enquanto pessoa trans (termo coloquial), é formada em psicologia, atua na área clínica há dois anos e é arteterapeuta em formação.

Já Renato, 28 anos, identifica sua condição de gênero enquanto homem, é formado em psicologia há quatro anos e atua na área clínica há três. Possui especialização em Psicologia Hospitalar e Clínica e em Psicologia Analítica Junguiana com Enfoque na Prática Clínica.

Luíza, 31 anos, identifica sua condição de gênero enquanto feminino, é formada em psicologia há quatro e atua na área clínica há três. Também está realizando a formação em arteterapia e é especialista em Psicologia Analítica Junguiana com Enfoque na Prática Clínica.

Rebeca, Renato e Luíza relataram que tiveram a experiência, na época da graduação, ao realizar pesquisas voltadas para a temática de gênero e sexualidade. Porém, Renato observa que foi pelo olhar da psicologia social e não da Psicologia Analítica e Luíza ressalta que suas pesquisas e trabalhos com a temática aconteceram através de dois projetos universitários: o instituto PAPAI e o Núcleo de Pesquisa em Gêneros e Masculinidades (GEMA).

Frida Kahlo, 47 anos, identifica sua condição de gênero enquanto mulher cis, é formada há 21 anos em psicologia e atua na área clínica há 19. É arteterapeuta, especialista em Teoria e Prática Junguiana e mestre em Ciência das Religiões. E por último, Jorge, 26 anos, identifica sua condição de gênero enquanto homem, é formado em psicologia e atua na área clínica há dois anos.

## **Gênero**

Este eixo temático visa analisar a compreensão dos (as) entrevistados acerca da temática de gênero enquanto psicólogos (as) analíticos (as). Entende-se gênero, a partir da teoria *Queer*, como uma construção social (AZERÊDO, 2010).

A entrevistada Frida Kahlo, destacou a importância de se discutir gênero, uma vez que muito profissionais de psicologia ainda encaram com preconceito esta temática.

*“(...) acho que é um tema tão importante de se discutir, ainda vejo muitas colegas de profissão com uma atitude preconceituosa, isso, por mais que não se diga isso tá colocado na clínica (...)”* (Frida Kahlo)

Segundo Anjos e Lima (2016), a psicologia possui um discurso de extrema importância frente às verdades elaboradas a respeito das sexualidades e das condições de gênero, porém não tem assumido uma postura precisa sobre seu papel, e mesmo depois de 19 anos da resolução 1/99 do Conselho Federal de Psicologia (a qual estabelece normas para atuação profissional frente às

questões de orientação sexual), ainda é possível encontrar práticas profissionais impregnadas de preconceito (ANJOS e LIMA, 2016; CONSELHO, 1999).

Já Jorge entende como importante o acolhimento livre de preconceito com qualquer pessoa que chegue até o atendimento clínico.

*“A importância de ter uma clínica que siga seu fluxo acolhedor, que foi criado para ser. Então como o próprio Código de Ética da gente manda, livre de qualquer tipo de alienação, de qualquer tipo de julgamento, ou de preconceito. Transformar num ambiente seguro e acolhedor pra qualquer pessoa que chegue, pra qualquer demanda.”* (Jorge)

O Código de Ética Profissional do (a) Psicólogo (a), em seu artigo segundo, veda ao (a) profissional praticar ou ser conivente com atos discriminatórios e induzir convicções de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito quando no exercício de sua profissão (CONSELHO, 2005).

A entrevistada Luíza, também fez menção a importância de se falar sobre gênero para além da abordagem psicológica de cada psicólogo (a).

*“(...) não vou nem fazer o recorte da psicologia junguiana né, que é um estudo mais recente assim, mas enquanto psicóloga eu acho que é algo que a gente precisa sempre tá atenta, né, no sentido de poder abrir espaço pra trabalhar essas questões (...)”* (Luíza)

Como dito anteriormente, três dos (as) psicólogos (as) entrevistados fizeram pesquisa, em suas graduações, sobre a temática de gênero e sexualidade a partir de pensadoras como Judith Butler.

*“(...) na faculdade eu fazia pesquisa e trabalhava já com as questões de gênero e sexualidade. Acho que veio daí também, assim, várias coisas dos meus posicionamentos, dentro da psicologia, começou não na clínica, mas começou na pesquisa, pesquisa com jovens e tal. Eu trabalhava com essa temática de forma posicionada.”* (Rebeca)

*“(...) na graduação eu participava de um grupo de estudos sobre gênero, mas numa perspectiva da psicologia social, feminista, pós construtivista, né, uma abordagem que não é clínica, é um olhar mais de crítica sobre o gênero, desconstrução mesmo (...)”* (Renato)

*“(...) estava atrelada, né, hoje eu faço parte, mas numa forma mais de uma contribuição não tão direta como antes, do GEMA, né, que é o Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades. [...] Fiz algumas pesquisas juntamente com o GEMA e o instituto PAPAI, né, e... e com a equipe de paternidade (...)” (Luíza)*

A teoria *Queer* entende identidade de gênero como uma construção social que descreve como homens e mulheres devem se comportar socialmente a partir do sexo biológico determinado no nascimento. Porém, o sexo biológico não define, necessariamente, o gênero com o qual a pessoa se identificará. Por performatividade entende-se que sejam formas de expressão do gênero, ampliando, desta forma, as performances condicionadas ao padrão social atualmente exposto que é pautado em uma matriz binária heterossexual.<sup>9,13,14</sup>

O GEMA desenvolve ensino, pesquisa e extensão universitária, a partir da visão feminista de gênero e atua no campo da saúde e direitos humanos, promovendo um espaço de interlocução e construção de projetos entre pesquisadores/as de Universidades e/ou a Organizações Não-Governamentais (ONG) no âmbito das Ciências Humanas (em especial Psicologia Social), Sociais e da Saúde (GEMA/UFPE, 2018). O Instituto PAPAI, por sua vez, é uma ONG que baseia sua atuação nos princípios feministas e considera fundamental o envolvimento dos homens nas questões relativas à sexualidade e reprodução por meio da desconstrução do machismo e revisão do conceito hegemônico de masculinidade. (PAPAI, 2018)

O entrevistado Renato entende os padrões de gênero hegemônicamente conhecidos e indicados pelos conceitos de *anima* e *animus* dentro da teoria junguiana, como referências simbólicas e não como regras dogmáticas.

*“(...) essa coisa do afeto, do acolhedor, da energia do feminino, na psicologia junguiana, na Psicologia Analítica e na clínica, eu tive que resgatar um pouco disso como referências simbólicas, né, pra olhar e poder trabalhar com as pessoas, assim, como é que a gente pode se apropriar antes de se desfazer, né, assim antes de deixar mais fluido, como é que a gente pode se apropriar de tudo isso.” (Renato)*

A visão de gênero que foi apresentada até agora está respaldada na teoria *Queer*, no feminismo e na psicologia social. A entrevistada Frida Kahlo ressaltou a importância dessas diferentes leituras para compreender a temática dentro da abordagem da Psicologia Analítica.

*“ (...) acho que hoje as pessoas vêm se abrindo um pouco pra entender o gênero fazendo um diálogo da Psicologia Analítica, na verdade não é nem um diálogo da Psicologia Analítica; reposicionando um pouco o que o Jung entendia num contexto mais atual, porque ele não fala de gênero nos estudos dele, (...) mas assim, no meu entendimento, é super possível reposicionar a Psicologia Analítica dialogando com teorias, assim, atuais de gênero, de performance de gênero. Pra mim é.” (Frida Kahlo)*

Como foi dito pela entrevistada, Jung não produziu material dentro da temática de gênero; a partir dos conceitos *anima* e *animus*, ele fala sobre papéis de contra referência sexual. A *anima* e o *animus* são arquétipos desenvolvidos dentro da teoria junguiana pautados em uma ordem sequencial-linear, baseados na anatomia sexual (MCKENZIE, 2006).

A pós-junguiana Suzan Mckenzie, dialoga com a teoria arquetípica de James Hillman, outro pós-junguiano, a qual se concentra na multiplicidade e simultaneidade dos aspectos arquetípicos, fomentando uma troca multidimensional dos traços de gênero na psique (MCKENZIE, 2006). Ela entende a experiência e expressão de gênero como centrais no processo de formação da identidade, sendo a condição de gênero constituinte do processo de individuação e a expressão de gênero compreendida enquanto representação simbólica dos estados corporais em mudança (MCKENZIE, 2010).

Três dos (as) entrevistados (as) se referiram aos conceitos de *anima* e *animus* como energias opostas e complementares que circundam o inconsciente de cada um (a). O que vai ao encontro do proposto por Mckenzie que visa a redescoberta do potencial de masculinidade e feminilidade dentro das pessoas (MCKENZIE, 2006).

*“(...) não pensar anima e animus como sendo masculino e feminino, mas que é essa energia que circunda (...)” (Luíza)*

*“[...] É, mas quando eu penso em anima e animus tem a ver com isso sim; a polarização de comportamentos que se observam numa energia só, numa energia masculina ou feminina (...)” (Rebeca)*

*“(...) quando ele fala dessas imagens de contra referência ele ta falando dessa fluidez entre o masculino e o feminino (...) eu vou entender muito mais como yin-yang, como energias psíquicas, do que como uma atuação colada a um gênero específico (...)” (Frida Kahlo)*

*Yin-Yang*, em sua etimologia, significa encosta sombria (*yin*) e encosta ensolarada (*yang*) de um mesmo vale. Costuma ser utilizado nas culturas como expressão da dualidade e complementaridade universal. Apesar de só existirem em relação um ao outro, eles nunca se opõem, pois sempre há um período de mutação que permite a continuidade entre eles. Este símbolo designa o aspecto obscuro e luminoso, o terrestre e o celeste das coisas, partindo do pressuposto de que um produz dois. O diagrama mais conhecido deste símbolo remete a fórmula de Knor de Rosenroth, a qual expressa a união do Céu e da Terra em um abraço mútuo (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002).

Muitas vezes, os aspectos relacionados ao *yin* são atribuídos ao feminino e os aspectos relacionados com o *yang* são atribuídos ao masculino, se for seguida a lógica binária e heterossexual construída socialmente. Mas ao analisar este símbolo de forma mais ampla, pode-se reposicionar os aspectos que contém cada um desses opostos complementares em busca da redescoberta do potencial de masculinidade e feminilidade em cada sujeito (MCKENZIE, 2006).

## **Símbolos**

Durante as entrevistas foram explorados os símbolos que emergem na clínica quando a temática de gênero se constela. A constelação é um processo psíquico automático provocado por uma situação exterior que desencadeia na aglutinação e atualização de determinados conteúdos psíquicos (JUNG, 2000). Na maioria das vezes não houve grandes dificuldades de elencar os símbolos, mas foi percebido que os entrevistados não se limitaram a sua experiência clínica e também colaboraram com os símbolos que, teoricamente, também são associados a temática de gênero.

Neste eixo temático pôde-se eleger dois grandes grupos de símbolos que foram explorados no movimento de circunambulação, ou seja, uma interpretação em rede de associações com os símbolos que se destacaram nas entrevistas.

O primeiro grupo é o do *animus*, no qual estão inseridos os símbolos e fenômenos que culturalmente estão associados ao masculino. Arquetipicamente o *animus* tem a tendência de formar imagens e comportamentos rígidos, dogmáticos, despótico, reformadores, invasivos e excessivamente teóricos.

O segundo grupo é o da *anima*, no qual os símbolos estão culturalmente associados ao feminino e, arquetipicamente, constelam-se imagens e comportamentos volúveis, caprichosos, místicos, descontrolados e intuitivos (JUNG, 2014).

Para Jung esses dois arquétipos formam um motivo da sизígia, uma junção de opostos complementares que assumem uma carga individual no nível do complexo. Assim as imagens e comportamentos de cada arquétipo são individualizadas, ganham valores através das vivências individuais. Por isso as questões culturais influenciam na forma como se enxerga e se valoriza a *anima* e o *animus* aproximando-os mais das questões de gênero (JUNG, 2014).

Além disso as sизíguas têm uma forte força projetiva e, em uma cultura onde as questões de gênero são tão bem demarcadas, é mais comum que se projete a *anima* em uma mulher e o *animus* em um homem, visto que, a projeção encontra no mundo externo um correlato psíquico. Entretanto os arquétipos não possuem gênero e sexo em sua forma original; há uma personificação destes por questões projetivas para que a comunicação entre consciente e inconsciente ocorra de forma mais eficaz. Assim a *anima*, por exemplo, assume uma forma feminina quando ela é projetada, mas isso não significa que o arquétipo seja entendido dessa forma. Há relações com outros pares de opostos que não estão associados as diferenças sexuais (JUNG, 2014).

Nas entrevistas, os símbolos que se destacaram por número de repetições e por força consteladora foram agrupados de acordo com sua correspondência associada as sизíguas como pode ser observado na figura abaixo.

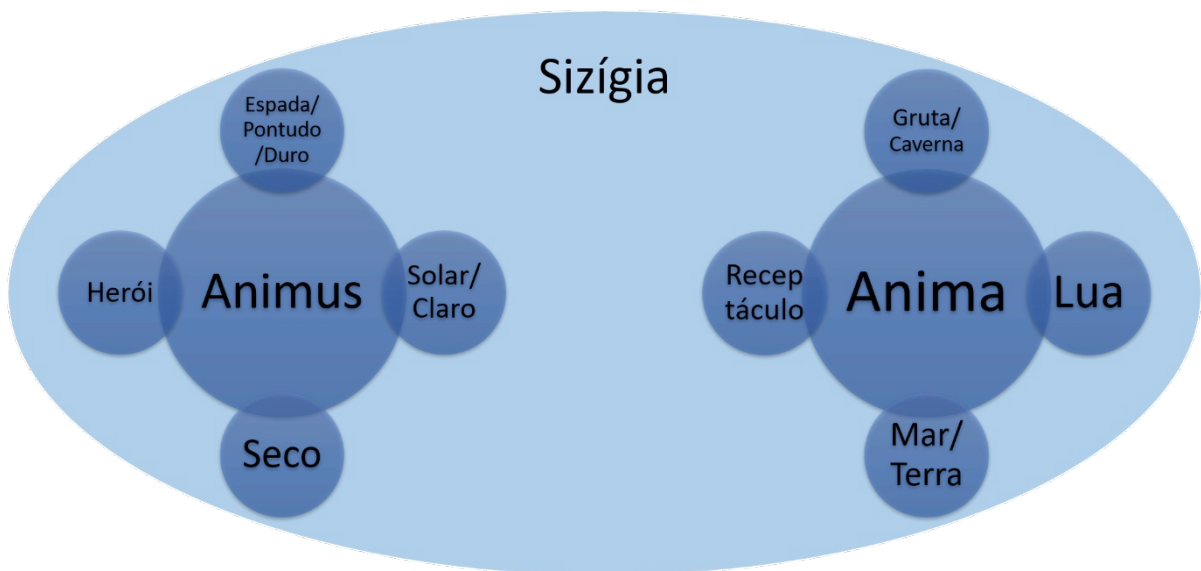




Figura 1 - produzida pelos autores

A sизígia constela símbolos que expressam a função compensatória do inconsciente, assim a *anima* é constelada para equilibrar uma consciência onde o *animus* domina e vice-versa. Dessa forma os arquétipos se relacionam, se equilibram e se completam, o inconsciente atua para formar um ser único, dar caminho à individuação.

Renato afirma:

*“(...) aí a psicologia junguiana me trouxe esse olhar mais simbólico mesmo, né, de como é que a gente pode olhar essas energias, do masculino, do feminino, que é do homem e da mulher e tudo que tá entre o que é homem e o que é mulher, como energia que todo mundo carrega, (...) essas figuras simbólicas ou arquetípicas que todo mundo tem e que se relaciona com elas, né, e que de repente acessa mais ou menos, ou se identifica mais ou menos, né (...)”* (Renato)

É se identificando com o símbolo que o sujeito permite a constelação do arquétipo, mas essa identificação não acontece no campo da consciência. O arquétipo atua no nível do inconsciente irrompendo à consciência de forma autônoma, toma posse e o sujeito atua no mundo controlado por essa entidade. Rebeca afirma que:

*“(...) o que eu mais vejo, pelo menos, é as pessoas só vendo uma possibilidade de vivenciar uma imagem que é acessada. Seu herói, é o herói que não passa por provação nenhuma, (...) se a gente for ver a saga do herói, tem vários momentos de provação, (...) mas parece que a visão heróica que se tem, hoje em dia, é uma visão, tipo, o herói mata um leão por dia e acabou-se. Se eu não mato, logo não sou herói, logo não sou homem; tem a masculinidade ligada com isso.”* (Rebeca)

Vê-se então uma masculinidade ligada a aspectos heróicos, questões de força e de passar a qualquer custo pela provação, um herói com humor instável, irritado e vaidoso (JUNG, 2014). Esse herói que nega as etapas da provação, nega também aspectos de sua própria personalidade; a feminilidade mostra-se inconsciente, indiferenciada e se manifesta como mudanças abruptas de humor e fortes impulsos (SILVEIRA, 2015). Estas são manifestações da *anima* desintegrada e

dissociada que irrompem à consciência, se manifestando por uma unilateralidade e desconexão. Para Frida Kahlo os símbolos ligados a *anima* são:

*“(...) os movimentos mais arredondados, né, são as formas que falam mais, mais lunares, né, a gente fala, mais receptivas, então são: as grutas, as cavernas, as coisas que falam de alguma maneira, de algo que possa ser penetrado, e isso não tem a ver, gente, com o gênero, tá? A gente às vezes cola, mas não é a mesma coisa.” (Frida Kahlo)*

Os aspectos ditos “femininos” da personalidade (complexo materno e *anima*, por exemplo) de cada um (a) podem assumir figuras simbólicas devido a sua matriz arquetípica comum. Alguns desses símbolos são: o mar e as águas quietas, a lua, a terra e o mundo subterrâneo, a gruta, a fonte e o poço, o círculo e quaisquer formas ocas (JUNG, 2014).

Igualmente o *animus* agirá de forma compensatória em indivíduos cuja a consciência assume comportamentos e está mais colada a energia da *anima*. Na Psicologia Analítica toda forma de unilateralidade é reveladora de descompasso psíquico. Assim, o ideal seria estar entre os polos, jogando com as sizíguas e atendendo ao chamado compensatório do inconsciente. A entrevistada Frida Kahlo fala sobre mulheres que vivenciam seu gênero de forma unilateral, se identificando somente com aspectos da personalidade que estão ligados ao que a sociedade atribui como valorativo para o gênero feminino.

*“(...) alguém que vive muito na experiência do feminino, seja lá o que isso significa, numa perspectiva de gênero, muito colada com o papel de gênero, seja numa perspectiva mais yin, né, do acolhimento do só acolher, de receber, o lado húmido, o colo, o receptivo, é problemático, né? Tudo que é unilateral é muito problemático. Então eu acho que a clínica é um convite, uma convocação pra gente se experimentar no mundo de uma maneira, acho, mais libertadora (...)” (Frida Kahlo)*

Nos casos de negação e desconexão com os aspectos da personalidade ligados às questões ditas “masculinas” o *animus* poderá revelar-se irrompendo em imagens e comportamentos avassaladores, se manifestando illogicamente, com teimosias e asperezas (SILVEIRA, 2015). No processo terapêutico também podem irromper símbolos, Frida Kahlo cita alguns:

*“[...] E as imagens que tem mais a ver com o masculino, são as imagens mais pontudas, as imagens mais assertivas. Então a gente fala: o yang é a*

*espada, é o que corta, é o solar, é o claro, é o seco, né? Então essas imagens, normalmente, elas falam mais de uma experiência que tem a ver com o masculino, não com o gênero, mas com a experiência da subjetividade do yang (...)*” (Frida Kahlo)

Cada um dos símbolos ligados tanto a *anima* quanto ao *animus* assumem uma significação, que não pode ser descrito, apenas circunscrito (JUNG, 2014). Em primeiro lugar o arquétipo se manifesta de forma metafórica/simbólica e, trazer à tona esse símbolo, aproxima a consciência do núcleo de significados presente, ou seja, desvenda o símbolo e, pouco a pouco, este pode ser interpretado e integrado (JUNG, 2014).

Alguns exemplos são os símbolos que emergem na fala dos entrevistados. Primeiramente citaremos os símbolos ligados a *anima*. O Receptáculo remete ao vaso, lugar inicialmente vazio, mas convidativo e adequado para ser preenchido. Assim ele mostra-se representativo do lugar fecundo, como o útero que se apresenta disponível para um novo nascimento (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002).

Entendo o processo que levou até a identificação dessas características como sendo femininas, a entrevistada Luíza ressaltou a importância de se problematizar essas atribuições.

*“(...) e aí pensando também esse símbolo do feminino como sendo um receptáculo, né, eu acho que até é algo muito questionado né, por que está atrelado (...)*” (Luíza)

Este movimento questionador é condicente com o que é proposto na teoria *Queer*, uma vez que é colocado o feminino e o masculino como construções sociais. Portanto entende-se que essas atribuições são feitas a partir dessas construções (ARAÚJO, 2011).

A Caverna é um espaço central, de retorno e de origem, lugar sombrio e mágico que promove transformações. Este símbolo se aproxima do simbolismo uterino, de fertilidade e umidade. Este seria o lugar ideal para se abrigar em momentos difíceis para encontrar respostas, como no Zaratustra de Nietzsche. Sob uma outra perspectiva a Caverna também pode ser um lugar de aprisionamento, de sufocamento e limitação da experiência total, isso ocorre no mito da caverna de Platão. Já a Lua simboliza a renovação, a transformação, a fecundidade, *yin* (símbolo do passivo e receptivo), a umidade, o volúvel e o inconsciente. O astro é muito ligado em vários ritos de iniciação em culturas diferentes e também é o símbolo da passagem da vida à morte. O Mar representa um estado transitório (incerteza e indecisão) e também da dinâmica da vida (lugar

de nascimentos, transformações e renascimentos), mas também representa o lugar dos grandes monstros, dos perigos, do desconhecido e das paixões. Foi citado em algumas culturas como o caminho para o outro mundo, como aquilo que separa o mundo dos deuses e o mundo dos homens. Outro símbolo citado foi a Terra, em muitas culturas é também compreendida como o princípio passivo e acolhedor (*yin*). Este é o local de sustento e firmeza, assumindo a função materna de proteção e de alimentação. Pode ser compreendida como uma virgem a ser lavrada e fecundada pela chuva, nesse sentido também é a matéria bruta, a *prima matéria* dos alquimistas (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002).

Já os símbolos ligados ao *animus* têm características diferentes e na maioria das vezes até oposta. O Sol é um dos símbolos mais ricos da humanidade, muitas vezes é o próprio deus ou a manifestação de deus. Assume características de psicobombo (caminho e mensageiro do reino dos mortos), de fecundador, de detentor da imortalidade e dos segredos da ressurreição. É um símbolo de realeza, do imperador, do guia, do chefe e do herói, assim é detentor do princípio *yang* (ativo), remetendo também a autoridade, a consciência, disciplina e prestígios. O Herói representa uma união de forças humanas e divinas, é a essência da função guerreira, possui bravura e paixão, mas tem pouca estratégia e inteligência se utilizando da força e coragem para atingir os objetivos. O símbolo Seco remete ao fogo e a punição, como uma provação da trajetória. Também pode estar ligado a falta de fé ou a uma grande revelação (secar o abismo revelando o que há). A Espada é o símbolo do estado militar e pode assumir aspectos destruidores e construtores. É a ferramenta do herói e deve ser usada para manter a paz e a justiça, assim a espada é tomada a punho para retomar estados de paz e para a defesa.

A função compensatória da sizígia está a serviço de todo o inconsciente e não apenas relacionada a uma tensão e equilíbrio de energias opostas entre si. Tanto a *anima* quanto o *animus* são aspectos da personalidade que servem como mediadores psíquicos entre consciente e inconsciente. Os símbolos constelados compensatoriamente auxiliarão o indivíduo a perceber aspectos obscuros (desconhecidos e inconscientes) da sua própria personalidade, integrando opostos e assim favorecendo o processo de individuação.

*“[...] E aí de repente essa desconstrução, esse olhar mais ampliado pra si, pra questão do masculino, feminino, homem, mulher, é... permita um passo a mais nesse sentido, de você se individuar, de você se tornar mais*

*completo, mais apropriado de si, mais criativo e adaptável também as situações.” (Renato)*

Se adaptar a situações e estar mais hábil a responder ao ambiente está relacionado ao fluir mais livre da energia psíquica. Para Nachmanovitch, criar e improvisar é não bloquear o fluxo que vem do inconsciente. A criatividade pode ser entendida como harmonia de tensões opostas. Dessa forma a unilateralidade é um bloqueador da criação e a síntese dos opostos é um facilitador desse processo. Se autorizar a ser, integrando aspectos da personalidade que muitas vezes não são socialmente ou pessoalmente aceitos nos deixa mais criativos, mais disponíveis para o imprevisto e socialmente responsivos e responsáveis, tornamo-nos sujeitos de ação e atuação no mundo (NACHMANOVITCH, 1993).

A síntese da sizígia *anima/animus* constela símbolos de androgenidade e do hermafrodita, que podem ser símbolo do apaziguamento entre os opostos (JUNG, 2014). Imagens como pássaros, pessoas androgenizadas e corpos misturados podem surgir nos sujeitos que estão em processo de unificação desses opostos (SILVEIRA, 2015).

*“(...) numa perspectiva da alquimia, dessas referências, da união dos opostos, da coniuntium, são imagem pra mim que falam disso, de masculino e feminino, de homem, de mulher, de yin-yang, de claro e de escuro, e da própria multiplicidade possível, né, potencialmente a gente é muita coisa (...)” (Frida Kahlo)*

Neste trecho da entrevista está posta a questão da união dos opostos sob uma perspectiva alquímica. Para a alquimia, a *coniuntium* é a fase de unificação das substâncias, a fase que antecede a formação da panacea universal. Unificar opostos significa totalizar, inovar, completar e, principalmente, integrar na consciência aspectos inconscientes.

## **A clínica da Psicologia Analítica**

A temática de gênero mostra-se relevante dentro da clínica por ser entendida como fundamental para o processo de individuação (MCKENZIE, 2010). Jung entende este processo como sendo de aquisição e construção de conhecimento e autoconhecimento através da ampliação da consciência (PENNA, 2004). Além disso, é um dado fundamental para o entendimento da psicodinâmica de cada um (a), como será exposto nos trechos de entrevistas a seguir.

*“[...] Então assim, eu vejo essa temática, meio que perpassar todos os discursos, eu posso falar assim, que de todos os pacientes que eu atendo na clínica, atualmente, esse viés do gênero ele diz alguma coisa sobre cada um ou cada uma.” (Renato)*

*“ (...) mesmo que não seja um problema pra pessoa, isso é um dado que eu sempre levo em consideração, a gente sabe que é muito diferente né você ser homossexual, ter uma experiência homoafetiva na sua vida do que você ter uma experiência hétero (...)” (Frida Kahlo)*

A temática de gênero pode chegar até o *setting* terapêutico de diversas formas. Pode ser através de um questionamento de um familiar ou amigo, uma dúvida pessoal, mas na maioria das vezes, ela chega através do tema da sexualidade.

*“(...) então muita gente já chega na clínica falando e trazendo algum tipo de questionamento nesse sentido, né, na maioria das vezes tem chegado pra mim pela via da sexualidade (...) e ai isso vira uma questão e a partir daí essa pessoa coloca como é que ela se relaciona com a própria sexualidade e muitas vezes as pessoas colam isso com a questão do gênero né, de ser homem espera-se ser heterossexual (...)” (Renato)*

Não é de se espantar que seja mais fácil falar sobre as sexualidades, dentro da clínica, do que sobre as condições de gênero. As sexualidades foram mais discutidas e debatidas ao longo dos anos do que o gênero. Um exemplo disso é a população de adolescentes transexuais indevidamente atendida e insuficientemente pesquisada que, apesar de possuir necessidades de saúde médica e mental específicas, devido aos desafios sociais, físicos e psicológicos enfrentados, frequentemente são privados (as) do acesso aos serviços de saúde, por exemplo (OLSON et al., 2011; COOLHART e BERNAL, 2007).

Suzan Mckenzie afirma que é através das experiências sexuais que se consolidam as identidades de gênero. Os papéis de gênero são bem definidos nas experiências heterossexuais e auxiliam na consolidação da masculinidade de um homem e a feminilidade de uma mulher. Portanto o desejo de uma mulher em explorar sua masculinidade e uma desejo do homem de explorar sua feminilidade, tornam-se problemáticos em culturas regidas pela heteronormatividade (associação direta entre sexo biológico e gênero) (MCKENZIE, 2010).

Algo que foi percebido em todas as entrevistas, é que a maioria das pessoas atendidas são mulheres. Luíza relata isso no trecho a seguir e ressalta que os homens que chegam até o seu consultório são, muitas vezes, incentivados por suas companheiras ou filhas.

*“[...] Na sua grande maioria mulheres, né, e assim, os homens que chegam, são homens que tão em sofrimento tamanho, assim né, e aí são muito incentivados por suas companheiras, né, ou por filhas (...) é como se não houvesse espaço pra que o homem sofresse” (Luíza)*

Este relato vai ao encontro da pesquisa realizada por Machin et al. (2011), a qual constatou que os homens que chegam até os serviços de atenção básica à saúde são, na maioria das vezes, trazidos pelas mulheres com quem mantêm alguma relação - mães, filhas, irmãs, etc. (MACHIN et al, 2011).

E também corrobora com o que foi exposto no tópico anterior sobre o arquétipo do herói. Um masculino heróico que muitas vezes não entra em contato com o que, hegemonicamente, é tido como feminino: o cuidado. Essas formas de ser no mundo implicam em cristalizações polarizadas, que muitas vezes se revelam nos discursos machistas que mascaram o sofrimento.

*“(...) como alguns complexos de gênero são ativados em vários lugares, em algumas situações, como a cristalização de alguns gera adoecimento (...)” (Rebeca)*

*“(...) no fazer clínico poder tá escutando uma fala machista e a gente pode acolher isso porque alguns sofreram e sofrem, mesmo que seja inconsciente, não acessam isso como sendo um sofrimento (...)” (Luíza)*

Renato lembrou de um caso que acompanhou em que a polarização do gênero homem naquilo que é tido como masculino, era causa de grande sofrimento para o sujeito, pois ele não acessava questões importantes contidas no feminino dentro dele.

*“ (...) então essa coisa de colar o gênero também né, essa coisa do gênero, ele se identificava enquanto homem, com essa energia do masculino, né, que não necessariamente você sendo homem você não pode acessar a energia do feminino, ele via assim, isso trazia um adoecimento muito grande pra ele (...)” (Renato)*

Outro exemplo dado pelo entrevistado, foi de um caso em que o feminino não expressado, aparecia adoecido.

*“[...] Eu lembrei de um caso que é... era um homem que trazia muito essa necessidade de ser o provedor, (...) porque homem tem que ter um emprego, (...) então isso aparecia muito no discurso dele, ao mesmo tempo ele apresentava sintomas muito do feminino, essa coisa da depressão, que é um adoecimento da alma, é, né, a alma, anima, energia do feminino, então ele trazia essa coisa muito das águas adoecidas [...] E ao mesmo tempo, assim, outros adoecimentos que você vê a maior incidência em mulheres, por exemplo, fibromialgia.” (Renato)*

Suzan Mckenzie propõe como um caminho possível rumo à individuação, a integração e redescoberta do potencial de masculinidade e feminilidade dentro de cada sujeito (MCKENZIE, 2006). Muitas vezes esses temas são frutos de complexos constelados. Os complexos são grupos de conteúdos psíquicos relacionados a uma determinada situação possuidora de forte carga emocional. Eles funcionam de forma arbitrária e autônoma, conduzindo o sujeito para o inconsciente e alterando o desempenho da consciência (JACOBI, 2013).

A clínica é um espaço onde este tema se manifesta. A constelação de símbolos dentro do processo é a maior prova, mesmo quando os símbolos se manifestam em sonhos e fantasias fora do *setting* terapêutico é na terapia que eles podem ser circunscritos, interpretados e conscientizados para dar caminho ao processo de individuação.

Faz parte deste processo a síntese dos opostos. Assim, com a tendência auto reguladora da psique, os símbolos constelados serão opostos a tendência consciente. No processo terapêutico de um indivíduo masculino polarizado e cristalizado, na consciência, o feminino será primordialmente inconsciente e imagens desse feminino poderão emergir no processo analítico.

*“[...]Tem muitos homens adoecendo, perdendo referencial porque se agarraram a um único referencial. Então assim, nesse sentido na clínica eu acho que é possível a gente ampliar (...)” (Renato)*

Dessa forma, as condições de gênero aparecem polarizadas e cristalizadas, atendendo a um único referencial de ser, não se permitindo ser singular, mas sendo o que a heteronormatividade determina.

Como formas de facilitar o processo de individuação de cada um (a) e de cuidar daqueles (as) que estão adoecidos devido a polarização, os (as) entrevistados (as) sugerem soluções por meio da despolarização, criatividade e da transferência.



*“(...) assim eu fico pensando em como eu consigo identificar, não é, assim, junto com a pessoa, (...) quais são esses processos de cristalização de conceitos de gênero hegemônicos, (...) perguntando, se aprofundando nas imagens (...), do que está por trás pra a gente poder ir despotencializando, as pessoas podendo ter também outras oportunidades pra experimentar temáticas de gênero e sexualidade (...)” (Rebeca)*

*“[...] E aí de repente essa desconstrução, esse olhar mais ampliado pra si, pra questão do masculino, feminino, homem, mulher, permita um passo a mais nesse sentido, de você se individualizar (...)” (Renato)*

*“(...) do processo de individuação, dessa história, a ideia né que a gente faça, né, hiero gamos, né, o casamento sagrado, isso não é um estado paradisíaco, nem estático, né, isso é um processo de aproximações desse casamento de opostos, né, então muito da clínica junguiana é suportar esses opostos e entender que a gente tem esse oposto (...)” (Frida Kahlo)*

O termo *hierogamos* foi primeiramente utilizado por Homero, na sua obra *Odisseia*, para descrever a união entre uma deusa e um mortal. A partir de então, estudiosos da religião do século XIX, utilizaram o termo para designar o casamento sagrado. Beate Pontgratz-Leisten apud Dupla (2016), acredita que o termo também possa assumir outras formas, entre elas a teogamia, que seria a união entre um ser divino masculino e um ser divino feminino (DUPLA, 2016).

Como já foi dito, três dos (as) entrevistados (as) estão fazendo ou já fizeram formação em arteterapia. E este conhecimento mostra-se presente na atuação desses profissionais.

*“(...) e com a Psicologia Analítica, assim, ter esse entendimento de que esse caminho endurecido gera um adoecimento, e como é que a gente pode (...) despotencializar a importância e a força dessas imagens, assim, e trabalhar com a criatividade também é bacana porque você vai poder expandir as imagens e vai dando mais opções.” (Rebeca)*

*“ [...] A gente vê aqui muito né, nesse espaço, de saúde mental, um adoecimento muitas vezes por um enrijecimento e falta de lidar, estratégias criativas pra lidar com algumas questões que aparecem.” (Renato)*

A arteterapia é um processo terapêutico que se utiliza de diversas modalidades expressivas para materializar símbolos. Estas criações expressam conteúdos psíquicos, no nível da consciência, o que facilita o confronto destas informações a fim de propiciar o autoconhecimento. Esta descoberta amplia a possibilidade de estruturação da personalidade e contribui para a elaboração de maneiras mais produtivas de comunicação e interação. Portanto, a criatividade se apresenta como matéria-prima da arteterapia, sendo um fator importante na criação de saídas e soluções originais (PHILIPPINI, 1998).

Para despotencialização de um complexo cristalizado e união de opostos que se revelam unilaterais em alguns indivíduos, é preciso primeiramente da voz ao inconsciente. Posteriormente essa voz deve ser ouvida. Ou seja, no fazer clínico da Psicologia Analítica, associada ou não a arteterapia, deve-se estabelecer um canal de comunicação com o inconsciente para que conteúdos autônomos e unilaterais possam ser integrados ao ego. Uma vez integrados eles se tornam aliados de uma personalidade mais consciente e saudável.

Os processos instauradores de criatividade possibilitam esta via de acesso ao inconsciente, promovendo a despotencialização e a conscientização/união dos opostos complementares da psique.

Jung afirma que a criatividade é um complexo autônomo, sendo uma força inconsciente que se revela independente da vontade consciente. Como vem do inconsciente a criatividade se expressa por meio da linguagem simbólica. É a criatividade livremente expressa que possibilita o surgimento de imagens arquetípicas. Cabe então a consciência desvendar essa linguagem interpretando os significados dos símbolos contidos nas imagens arquetípicas. Dessa forma toda obra criativa é passível de interpretação e expressa uma essência desconhecida no íntimo do sujeito que a produziu. Perceber e interpretar tais imagem é olhar para si mesmo e possibilitar o reconhecimento de aspectos da personalidade que antes eram inimagináveis, assim integram-se esses aspectos, o ser torna-se mais completo e harmonioso (JUNG, 2013).

Para Nachmanovitch a criatividade está presente em todos as pessoas, precisamos apenas descobrir e retirar as coisas que funcionam como bloqueios para que a criatividade flua normalmente. Mas o bloqueio não sai num passe de mágica, no processo terapêutico deve-se produzir plasticamente através da improvisação, da exposição, da surpresa, da prática esforçada, do esvaziamento do ego e da possibilidade enxergar o mundo e seu dia-dia de forma criativa. Para isso o inconsciente precisa de um alvo externo, algo no mundo que seja atrativo, um

receptáculo adequado para as suas projeções. Assim cada sujeito precisa encontrar o material expressivo, o local, a companhia, a trilha sonora, enfim, as condições externas que favorecem o irrompimento de imagens arquetípicas (NACHMANOVITCH, 1993).

Outra questão das mais importantes em um processo analítico é o fenômeno da transferência.

*(...) muitas vezes chegam pessoas que com questões de gênero, com questões com a sexualidade, com a questão da sua escolha e muitas vezes ta lá na figura de.. no caso de... homem e poder ser acolhedor assim sinto que é possível passar pelos lugares da projeção desde o pai, que odiou ele, por exemplo mas poder ter ali um microcosmos e ser capaz de ressignificar a relação, (...) como da figura do homem então poder causa essa aproximação assim de pessoas que são tão feridas por essa figura masculina então assim acho muito importante poder perceber isso, do lugar que as pessoas me colocam, do irmão que negou, da sociedade que julgou, do pai que botou pra fora de casa, e de que essas figuras elas também podem aparecer e serem ressignificadas (...)" (Jorge).*

Neste trecho da entrevista, Jorge ressalta a importância da transferência como facilitadora do processo terapêutico de casa um (a). Transferência, nada mais é do que um tipo de projeção que acontece na relação terapêutica. Para Jung, projeção é colocar em um objeto externo um processo subjetivo. Este conceito se contrapõe a introjeção como algo positivo, uma vez que a introjeção é tida como o movimento de puxar para dentro o objeto externo. Portanto, ao projetar na figura do terapeuta uma relação adoecida, a pessoa tem a possibilidade de ressignificar aquele acontecendo de uma forma saudável (JACOBI, 2013). Exemplificando como a questão de gênero pode aparecer na clínica junguiana através da transferência o entrevistado coloca a figura do terapeuta como alvo de projeções do inconsciente e analisa isso como uma oportunidade para o paciente rever e ressignificar sua própria relação com figuras familiares e com a sociedade.

Primeiramente a transferência ocorre através do vínculo com uma pessoa que busca outra (terapeuta) capaz de compreendê-la. O (a) cliente deseja um (a) terapeuta que acolha e o (a) compreenda por inteiro sem julgá-lo (a). Isso reforça para o próprio sujeito uma sensação de pertencimento, importância e existência validada (GAMBINI, 2008).

Para a Psicologia Analítica a transferência não ocorre somente no nível pessoal, há também a transferência arquetípica. Assim o paciente pode projetar no terapeuta não somente as figuras parentais ou pessoas importantes da sua vida como também pode projetar figuras e personagens arquetípicos formando assim projeções vindas do inconsciente coletivo (HOPCKE, 2012).

Jung utilizou a *opus alquímica* como principal metáfora para o processo de análise e para o fenômeno da transferência. O principal objetivo da análise é provocar o “casamento sagrado” entre as partes opostas da personalidade, ou seja, a síntese dos opostos. A transferência deve estar a serviço dessa prática. Com isso esse fenômeno deve ser suportado pelo terapeuta e analisado simbolicamente considerando essa como uma linguagem do inconsciente (JUNG, 2008).

## Considerações Finais

Apesar do tema gênero ser pouco discutido no campo da Psicologia Analítica, ele está ganhando cada vez mais espaço a partir de articulações com teorias mais recentes. São poucos (as) os (as) psicólogos (a) analíticos (as) que possuem esta leitura, mas espera-se que este texto possa contribuir para a atuação destes. O reposicionamento na forma de pensar os conceitos de *anima* e *animus* mostrou-se emergente e, a contribuição da teoria *Queer* para o entendimento da temática, necessário.

Alguns (as) entrevistados (as) se posicionaram a partir do conhecimento adquirido em suas experiências com pesquisa na graduação, baseados principalmente na teoria *Queer*. Mas eles (as) relataram a necessidade de simbolizar o olhar sob a temática para a atuação na clínica da abordagem da Psicologia Analítica, visto que os autores não são os mesmos, mas são passíveis de diálogo.

Os símbolos elencados por cada um (a) foram facilmente categorizados em dois grandes grupos (*anima* e *animus*), revelando seu caráter arquetípico e de construção social. A atribuições

de determinadas características ao feminino ou ao masculino foi questionado e compreendido dentro da Psicologia Analítica.

Os caminhos possíveis frente aos adoecimentos decorres das polarizações de gênero foram pontuados pelos (as) entrevistados (as) pautados no movimento de simbolização da Psicologia Analítica e da criatividade da arteterapia, e como um dos principais movimentos frente a essas cristalizações, está a despolarização, rumo ao que Jung chamou de individuação.

## VIII. REFERÊNCIAS

- ANJOS, Karen; LIMA, Maria. Gênero, sexualidade e subjetividade: Algumas questões incômodas para a psicologia. *Psicologia em Pesquisa* (2), Juiz de Fora-MG, UFJF, 2016, pp. 49-56.
- ARÁN; Márcia; Zaidhaft, Sérgio; Murta Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia e Sociedade* (20), Belo Horizonte-MG, 2008, pp. 70-79.
- ARAÚJO, Jair Bueno de. A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler. *Saber Acadêmico* (11), São Paulo-SP, 2011, pp. 33-38.
- AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorias em psicologia. *Revista Estudos Feministas*, (18), Florianópolis -SC, 2010, pp. 175-188.
- BONI, Valdete; Quaresma, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* (2), São Carlos-SP, 2005, pp. 68-80.
- CHAVALIER, Alain; GHEERBRANT, Jean. *Dicionário dos símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio; 2002.
- CONSELHO Federal de Psicologia. Código de Ética Profissional do Psicólogo. *XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia*, Brasília-DF, 2005. [<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>]
- CONSELHO Federal de Psicologia. Resolução CFP N° 001/99. Brasília-DF, 1999. [[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)]
- CONSELHO Nacional de Saúde. Resolução N° 510. Brasília-DF, 2016. [[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html)]
- COOLHART, Deborah; BERNAL, Anibal Torres. Transgender in Family Therapy. *Family Therapy Magazine*, Alexandria, 2007, pp. 36-42.
- DUPLA, Simone. Quando os deuses copulavam: a sexualidade da deusa Inanna no Antigo Oriente Próximo. *Temporalidades – Revista de História* (8), Belo Horizonte-MG, 2016, pp. 483 – 496.
- GAMBINI, Roberto. *A voz e o tempo*. Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2008.
- GEMA/UFPE. Sobre. Recife-PE, 2018. [<http://gema-ufpe.blogspot.com/p/sobre-o-gema.html>]
- HOPCKE, Robert. *Guia para obra completa de C. G. Jung*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2012.

- JACOBI, Jolande. *A Psicologia de C. G. Jung: Uma Introdução Às Obras Completas*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2013.
- JUNG, Carl. *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2008.
- JUNG, Carl. *A Natureza Da Psique*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2000.
- JUNG, Carl. *A Vida Simbólica*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2012.
- JUNG, Carl. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2013.
- JUNG, Carl. *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro-RJ, Editora Nova Fronteira; 1964.
- JUNG, Carl. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2014.
- MACHIN, Rosana; COUTO, Márcia; SILVA, Geórgia; SCHRAIBER, Lilia; GOMES, Romeu; FIGUEIREDO, Wagner; VALENÇA, Otávio; PINHEIRO, Thiago. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva* (16), Rio de Janeiro-RJ, 2011 pp. 4503-4512.
- PENNA, Eloisa. Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em Psicologia Analítica. Tese de doutorado, Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- MCKENZIE, Suzan. Genders and sexualities in individuation: Theoretical and clinical explorations. *Journal of Analytical Psychology* (55), 2010, pp. 91-111.
- MCKENZIE, Suzan. Queering gender: *Anima/Animus* and the paradigm of emergence. *Journal of Analytical Psychology* (51), 2006 pp. 401-421.
- NACHMANOVITCH, Stephen. *Ser Criativo*. São Paulo: Summus; 1993.
- OLSON, Johanna; FORBES, Catherine; BELZER, Marvin. Management of the Transgender Adolescent. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine* (165) Michigan, 2011, pp. 171–176.
- PAPAI, Instituto. Quem Somos. Recife-PE, 2018. [<http://institutopapai.blogspot.com/p/sobre-o-grupo.html>]
- PENNA, Eloisa. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Psicologia USP* (16), São Paulo-SP, 2004, pp. 71-94.
- PHILIPPINI, Angela.. Mas o que é mesmo arteterapia? *Revistas de Arteterapia* (5), Rio de Janeiro-RJ, 1998.
- SILVEIRA, Nise. *Imagens do inconsciente*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2015.